

TERÇA, 28/06/2016, 08:03 (Fonte: www.cbn.com.br)

## Minas Gerais vive estigma após abrigar hospital psiquiátrico comparado a campo de concentração

Entre as décadas de 1960 e 1980, cerca de 60 mil internos morreram no Hospital Colônia de Barbacena, em um dos casos mais tristes da psiquiatria no país. Pacientes que sofrem com transtornos mentais no estado tentam resgatar o convívio social.



'Trem Tan Tan' faz alusão a veículo que levava pacientes a Barbacena

Crédito: Divulgação



Pacientes viviam em condições degradantes no hospital de MG

Crédito: Divulgação/Ovaldo Afonso

### **Por Adriana Ferreira**

Há 16 anos o aposentado Mauro Sérgio Camilo passou por um momento delicado. Entrou em depressão, e o caso foi considerado grave pelos médicos. Se afastou dos amigos e da família. Na crise, recorreu ao Cersam, o Centro de Referência em Saúde Mental, em Belo Horizonte. Foi lá que conheceu o Trem Tan Tan, um grupo musical criado para resgatar a cidadania do paciente com transtornos mentais. Mauro conta que a arte funcionou como uma das aliadas no tratamento.

‘O trem tan tan mudou absolutamente tudo, tudo, tudo na minha vida. Hoje estou muito bem, obrigado, trabalhando com o trem, sendo também um porta-voz dessa bandeira da luta antimanicomial que é muitíssimo importante dentro da sociedade hoje’, diz.

O nome Trem Tan Tan é uma referência aos antigos trens que levavam os pacientes com distúrbios mentais de Belo Horizonte ao manicômio de Barbacena, cidade que abrigou um dos hospitais de mais triste memória do Brasil. A estimativa é de que, entre 1960 e 1980, 60 mil internos tenham morrido em Barbacena. Foram décadas de crueldade e sofrimento, escondidas atrás dos muros da instituição que chegou a ser comparada a um campo de concentração nazista.

Os bastidores dessa história estão no livro ‘Os Porões da Loucura’, escrito pelo jornalista Hiram Firmino, que visitou a instituição quando repórter. Ele viu de perto o que ele chamou de ‘sucursal do inferno’. ‘Cada pavilhão tinha 300 pacientes para um atendente, que não era nem enfermeiro, nem médico, nem nada. Era uma maneira de ficar livre do problema. Era um horror, era a sucursal do inferno. As pessoas amontoadas. Sessenta mil pessoas foram jogadas em Barbacena e 75% das pessoas não tinham nenhum tipo de transtorno mental’.

O hospital Colônia de Barbacena foi fechado no fim dos anos 80. Alguns pacientes que sobreviveram à época da barbárie hoje recebem acompanhamento no Centro Hospitalar Psiquiátrico da cidade. Outros foram transferidos para Belo Horizonte. Apesar da mudança, as sequelas dos tempos sombrios em Barbacena até hoje não permitem a ressocialização plena.

A lei de reforma psiquiátrica, de 2001, intensificou a melhoria nos tratamentos. Ao invés do isolamento, a convivência familiar e ambulatorial. A Associação Mineira de Psiquiatria reconhece importância da implantação dessa rede de serviços que substituíram o antigo modelo de internação, mas discorda do fato dela ser feita em detrimento da redução de leitos em hospitais psiquiátricos.

Dos 36 hospitais psiquiátricos que existiam em Minas Gerais até 1991, apenas nove estão em funcionamento. Juntos, oferecem 1.051 leitos, o que é considerado pouco pelos médicos. O presidente da Associação de Psiquiatria, Maurício Leão, considera necessária a manutenção dos hospitais, principalmente para o atendimento aos casos mais graves: 'Os próprios documentos do ministério preveem 0,45 leitos por cem mil habitantes e hoje não temos nem um décimo disso. Fechando leitos sem criar opções para atendimento de casos graves, podemos dizer que no momento atual vivemos um período de desassistência na saúde mental'.

Com a redução dos leitos, a rede de assistência acaba ficando sobrecarregada. Em Minas Gerais são pouco mais de 300 centros de Atenção Psicossocial que atendem 200 mil pacientes por mês. O psicólogo Diego Pastana, especialista em Saúde Mental, reivindica mais atenção das autoridades ao sistema. 'Temos vivido uma carência de alguns insumos como medicamentos e inclusive de RH, em alguns pontos da nossa rede de atenção. E quando um trabalho é organizado em rede, se um dos pontos está fragilizado, outro vai sofrer os reflexos desta defasagem'.

Diante desse cenário, o maior prejudicado acaba sendo o paciente. Até o ano passado, cerca de 500 pedidos de internação compulsória aguardavam liberação de vagas para serem cumpridos em apenas um dos hospitais psiquiátricos de Belo Horizonte. Esse tipo de internação é determinada pela Justiça quando a pessoa não consegue ter domínio sobre sua condição psicológica e no estado pode demorar até cinco anos para ser cumprida.

Para ouvir o áudio da notícia, acesse: <http://cbn.globoradio.globo.com/series/reforma-psiquiatica-15-anos-depois/2016/06/28/MINAS-GERAIS-VIVE-ESTIGMA-APOS-ABRIGAR-HOSPITAL-PSIQUIATRICO-COMPARADO-A-CAMPO-DE-CONCEN.htm>